

O MUSEU COMO UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana Regina de Oliveira Couto
PECIM-UNICAMP
adrianteacher74@gmail.com

Resumo

Nas últimas décadas, na educação infantil, muitas discussões têm acontecido sobre concepção de infância, alfabetização, letramento, importância do lúdico, mas pouco se discute sobre ensino de ciências com os pequenos. O mundo natural e social está dado e as crianças vivem nele interagindo o tempo todo, cabendo a nós educadores ajudá-las a interpretar e compreender o mundo que vivem. Assim, reconhecendo a importância do ensino de ciências desde a educação infantil, esse trabalho tem como objetivo tratar dos museus enquanto espaços formativos, de memórias, de coleções de uma sociedade. Desta forma, este trabalho visa socializar um relato de experiência em numa sala de educação infantil de Campinas, em que foi realizada uma sequência didática que contemplou várias atividades literatura infantil, jogos, filmes, exposição de objetos, bem como uma atividade de campo no Museu de História Natural de Campinas. Tal sequência auxiliou as crianças a construir conhecimentos sobre ciência e tecnologia.

Palavras-chave: Museus; Infância; Aprendizagem.

Introdução

Apesar de muitas pesquisas e avanços qualitativos nas práticas pedagógicas encontradas na educação infantil brasileira, ainda carregamos um ranço histórico marcado pelo velho paradigma que vê criança como um futuro cidadão. Essa concepção de infância traz consigo a ideia de preparar para o futuro.

Em consequência desta visão, ainda encontramos uma preocupação em trabalhar com as crianças atividades de aptidão e treino motor preparando-as para a ler, escrever e calcular no ensino fundamental.

Contrária a essa concepção, há uma outra vertente que acredita que a criança não será um cidadão, pois ela já é uma pequena cidadã e como tal já tem direitos e deveres. A criança tem direito a educação integral, ela não é só um ser cognitivo, é um ser afetivo, social. Os pequenos já nascem num mundo físico e social, cabendo a nós, educadores, ajudá-los a olhar, entender, reinventar, transformar esse mundo.

Sabemos que as crianças aprendem o mundo através dos sentidos, que são curiosos por natureza e o ensino e ciências é bem interessante neste contexto porque suscita curiosidades, hipótese, questionamentos.

Assim, sabendo de tal importância do ensino de ciências desde a educação infantil, este trabalho intitulado como “O museu como um espaço de aprendizagem na educação infantil” se deu numa escola de educação infantil de Campinas e teve como objetivo apresentar às crianças os diferentes tipos de museus como uma fonte de resgate histórico, de coleções, de memórias de um povo, num determinado tempo e num determinado espaço.

O trabalho aconteceu com uma turma de 25 crianças de 3-4 anos e se constituiu como uma sequência didática com atividades diversificadas. Foi um trabalho que partiu da professora, mas que envolveu os pequenos e suas famílias de forma encantadora, significativa com muitas aprendizagens.

Seção

A educação infantil, enquanto um campo do conhecimento específico, com suas singularidades dentro do quadro educacional ainda é bem recente, datada com maior ênfase de pesquisas no século XX. Muitas pesquisas nos apontam que as crianças estavam historicamente ausentes desde antiguidade até a idade média. De acordo com Áries (1981), as crianças eram vistas nos séculos XIV, XV e XVI como um adulto em miniatura, ou seja, eram tratadas como adultos e acabavam participando de todos os assuntos da sociedade.

Adultos, jovens e crianças se misturavam em toda atividade social, ou seja, nos divertimentos, no exercício das profissões e tarefas diárias, no domínio das armas, nas festas, cultos e rituais. O cerimonial dessas celebrações não fazia muita questão em distinguir claramente as crianças dos jovens e estes dos adultos. Até porque esses grupos sociais estavam pouco claro em suas diferenciações. (VOLPATO, 2002, p.16)

Portanto, pode-se afirmar que o conceito de infância foi se modificando no percurso histórico e a passagem da concepção de um adulto em miniatura a um sujeito histórico, com saberes, vontades, produtor de cultura e conhecimentos, ser de direitos levou em média cinco séculos.

Embora a ideia de educar formalmente crianças menores de seis anos de todos os extratos sociais já estivesse presente nas publicações de

Comenius (1592-1670) - em que ele defendia, para a infância, uma educação maternal voltada para o exercício dos sentidos - a formalização de atendimentos a esse segmento da população se origina como reflexo direto das intensas transformações sociais, econômicas, políticas e ideológicas, decorrentes da expansão comercial, da Revolução Industrial e do desenvolvimento científico que marcaram a passagem para a Idade Moderna. (CARVALHO, 2010, p.3)

Com o advento da Revolução Industrial, as mulheres ingressaram no mercado de trabalho e criam-se espaços, as creches, para se cuidar das crianças das mães trabalhadoras. A ideia difundida era instrumentalizar essas crianças para o trabalho, para o futuro, ensinando as letras e os números.

Essa concepção de preparo para o futuro é desmontada quando pensamos na criança no tempo presente, um ser que é: no aqui, no agora, que se expressa, que tem seus desejos, interesses, um ser de direitos, que está num processo de formação assim como um adulto, mas que tem características próprias de elaboração pensamento, de atitudes. É alguém que aprende, que brinca, que brinca aprendendo e que aprende brincando.

Outro pensamento bem comum na educação infantil é a crença de que crianças pequenas não estão prontas para aprender porque precisam de amadurecimento cognitivo. Todos nós vivemos num mundo natural e social, inclusive as crianças e desta forma cabe a nós adultos, educadores, mediar as possibilidades de aprendizagens e construção de conhecimento dos pequenos. As crianças aprendem sim em seus ritmos e para isso basta adequarmos as formas de ensinar, a linguagem.

Arce e Martins (2007) se apropriam da concepção de desenvolvimento da criança aos conceitos de Vygotsky em que assinalam que o desenvolvimento da criança não é vinculado ao crescimento ou maturação, contudo ao processo de aprendizagem conforme as condições histórico-culturais disponíveis à criança em suas relações sociais.

E é partindo desse pressuposto levantado pelas autoras que realizei meu trabalho. O “Projeto Museus” surgiu primeiramente da necessidade de um trabalho acadêmico apresentado à disciplina História e Filosofia das Ciências da Natureza e da Matemática da Unicamp. Para isso me reporte inicialmente ao Referencial Curricular para Educação Infantil (1998) que estabelece objetivos, conteúdos, e metodologias de acordo com as idades das crianças pensando no nível de desenvolvimento delas.

Os referenciais curriculares (1998) trazem novas propostas e concepções sobre o ensino de ciências naturais que propiciem as crianças terem experiências com os diversos tipos de conhecimentos para que possam saber diferenciar o que é conhecimentos provenientes de lendas e mitos e o que é conhecimento científico. Além disso, destacam as brincadeiras no processo de ensino aprendizagem.

Ao brincar, as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados, tecer novas relações, desvincular-se dos significados imediatamente perceptíveis e materiais para atribuir-lhes novas significações, imprimir-lhes suas ideias e os conhecimentos que têm sobre si mesma, sobre as outras pessoas, sobre o mundo adulto, sobre lugares distantes e/ou conhecidos. (BRASIL, 1998, p.171)

Desta maneira, tentei contemplar o lúdico na sequência didática que veremos a seguir.

Sequência didática

Pensando em minha turma com idade de 3 e 4 anos, no ano de 2015, preparei uma sequência didática que envolveu os seguintes conteúdos: museus, coleções, avanços tecnológicos, taxidermia, valores éticos da vida.

Existe uma ideia muito divulgada no senso comum de que museu é lugar de guardar velharia, que não serve mais para nada. Com o intuito de desmistificar essa visão equivocada escolhi o museu para iniciar os trabalhos de ciências. Contrariamente a essa ideia, os museus são espaços importantíssimos, à medida que nos trazem diferentes coleções, que narram as escolhas feitas por algumas pessoas no nosso passado.

Aprofundar a análise dos diferentes ‘sistemas museais’ através dos quais se conformaram os museus do século XIX, incorporando considerações de ordem política, ideológica, estrutural, científica, educacional, pressupõe também, acrescentamos nós, refletir sobre as próprias coleções e as redes sociais que se conformaram em torno delas. Isto porque as coleções museológicas acumuladas dão acesso às escolhas feitas no passado, e suas exibições são formas privilegiadas de narrar publicamente esse passado. (LOPES, 2005, p.16).

O objetivo do trabalho foi apresentar às crianças os diferentes tipos de museus (cera, história natural, artes, do futebol interativo) como uma fonte de resgate histórico, de coleções, de memórias.

A primeira estratégia escolhida foi o levantamento de ideias prévias na roda de conversa. Comecei com a pergunta se sabiam o que era museu. Das 25 crianças somente

2 crianças disseram que já tinha ido a um museu e que era um lugar cheio de coisas que não poderia colocar as mãos em nada e tinha que falar bem baixinho.

Logo em seguida trabalhei com literatura infantil lendo o livro: “Os guardados da vovó” de Nye Ribeiro. Trata-se de uma história bem envolvente que narra a vida no campo de um casal de idosos que reunirá toda sua família para comemorar suas bodas de diamante. A avó tem mania que guardar objetos e cada objeto tem uma história, que traz lembranças e durante a narrativa a cada objeto encontrado vai resgatando as histórias de familiares, das férias, dos momentos juntos.

O livro tem ilustrações bem interessantes de máquina de datilografia, fotos antigas, baús, selos, máquinas de fotografia, leque, entre outros. Após a leitura da história retomei o livro fazendo leitura de imagens com as crianças e contei que aqueles objetos eram antigos, que quase ninguém tinha mais e poderiam ser encontrados em Museus. Como eles ainda não tem ainda noção temporal construída tive que conceituar o antigo como “isso usava quando a mamãe era criança”. Conversamos um pouco sobre as coleções dos museus.

Na sequência assistimos ao filme “Uma noite no museu” em três dias, pois o tempo de concentração deles ainda é bem pequeno e se dispersam facilmente. Como o filme trata do imaginário, expliquei que os objetos eram verdade, mas que na realidade as coisas não ganham vida nos museus. Mas mesmo assim tive um aluno que chorou no início do filme achando que os fósseis ambulantes dos dinossauros ganhavam vida a noite. Depois que assistimos ao filme fizemos uma lista de objetos do filme elencada por eles.

Solicitei as famílias que mandassem objetos antigos para montarmos nossa própria exposição. Conseguimos ferro a brasa, moedor de carne, réplica do carro Ford 1929, disco de vinil, fita K-7, VHS, costurador de meia, caneta tinteiro, gaita, sanfona. Cada objeto que recebemos conversamos sobre sua função e se ele ainda era usado atualmente. As crianças fizeram um álbum de desenhos com todos os objetos que recebemos.

Convidei as famílias para participar das aulas trazendo novidades e uma avó aceitou passar uma manhã com a turma apresentando o moedor de café. As crianças ficaram encantadas foi uma aula bem dinâmica em que as crianças puderam ver todas as fases do café: na planta, com casca, descascado, torrado e moído. Aliás, todas as crianças tiveram oportunidade de moer porque ela ensinou todo o processo. Disseram

inicialmente que o café se compra no mercado e após a atividade puderam ver todo processo, que vem de uma planta.

A avó agradeceu imensamente a abertura para participar e contou sobre os velhos tempos em que era professora numa sala multisseriada na zona rural. Esse diálogo entre família e escola é de extrema importância porque facilita o processo de ensino-aprendizagem, à medida que as famílias ficam envolvidas na vida escolar de seus filhos, valorizando a escola e as produções dos mesmos.

Para trabalhar o conceito de avanço tecnológico coloquei dois ferros de passar juntos e questionei como eles funcionavam. Uma criança disse que o ferro novo a gente liga com o fio na tomada. Logo mostrei ferro a brasa e perguntei: e este? Alguns apontaram o botão que fecha para colocar a brasa, outros disseram que não sabiam porque não tinha fio de energia como o outro. Abri o reservatório de brasa, coloquei carvão e expliquei o funcionamento. Uma criança disse apontando para o ferro novo: Ah esse aqui só foi inventado quando teve energia né tia? Conversamos sobre energia elétrica e que isso ajudou a inventarem objetos que facilitam o dia-a-dia como: batedeira, secador de cabelo, espremedor de laranja, ventilador, televisão, rádio, abajur, etc.

Assim, confeccionei um jogo da memória, aproveitando essa ludicidade do universo infantil contrapondo objetos antigos e novos. Expliquei a eles as regras e brincaram bastante e se divertiram brincando de forma educativa.

Outro aspecto que considere pertinente trabalhar com as crianças é desmistificar a imagem de que museu é um lugar chato e que não pode colocar a mão em nada e tem que ficar em silêncio. Com o intuito de desmistificar esse pré-conceito disponibilizei diversas imagens de museus de diversos tipos, dentre eles o Museu Cata-vento de São Paulo que é totalmente interativo. Assim, retomei a fala inicial de que não podia colocar a mão em nada e eles foram assimilando esses conceitos.

É muito comum escolas de educação infantil realizarem atividades de campo em zoológicos, praças, sítios. Muitas vezes ainda consideram esses momentos de saída da escola como um simples passeio. Na realidade não devem ser vistos como meros passeios, mas sim como atividade de campo que nada mais é do que estratégia de ensino.

Muitos autores ressaltam as potencialidades das atividades de campo. Carbonell (2002), citando Gardner (2000), discute que a mente tem a capacidade de aprender e reter melhor as informações quando o corpo interage de maneira ativa na exploração de lugares, enquanto

experiências onde o sujeito é passivo tendem a ter impacto de curta duração e atenuam-se com o tempo. (VIVEIRO, 2009, p.3)

Então, para interagir de maneira ativa planejei uma atividade de campo no Museu de História Natural de Campinas, portanto trabalhei o conceito de taxidermia, para que entendessem que a organização de um museu de história natural e não se assustar ao se deparar com animais empalhados.

A atividade de campo foi o último item do projeto devido ao agendamento de ônibus, algo que não está ao meu controle, porém também é bem interessante fazer o caminho inverso em que as crianças veem e depois levantam dúvidas, questionamentos, curiosidades.

Espaços como museus promovem a curiosidade, estimulam, motivam e socializam.

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para formação do cidadão cientificamente alfabetizado. (MARANDINO, 2001, p.98)

A experiência foi muito boa. As crianças ficaram encantadas, comentavam muitas coisas que aprendemos, perguntaram outras que não havíamos aprendido, mas viram. Ficaram impressionadas com o tamanho de uma sucuri, com os crocodilos, felinos, e o lobo então? Já começaram a falar do lobo mau dos três porquinhos e chapeuzinho vermelho. Foi um encontro lindíssimo do mundo imaginário com o mundo científico.

Me preocupei também com as questões éticas, porque inicialmente eles achavam que podia matar animais para deixar exposto. Pesquisamos e descobrimos que as coleções são feitas com animais vítimas de mortes naturais e também acidentados.

Em suma, foi um projeto prazeroso, educativo, que trouxe muitas contribuições.

Contribuições e resultados esperados

O trabalho com museus permitiu diversas aprendizagens como:

- Compreender a função social do Museu;
- Entender a ideia de coleções;
- Conhecer diversos tipos de museus;

- Brincar de jogo da memória, que além de lúdico, auxilia na memorização, concentração, na construção do conceito do que é antigo e do que é moderno;
- Compreensão que do que seja avanço tecnológico;
- Participação e envolvimento das famílias;
- Desmistificar o pré-conceito de que museu é local de coisa velha e chata;
- Desenvolvimento da argumentação;
- Estimular a curiosidade, levantamento de hipóteses e elaboração de pensamentos;
- Aprender o significado de taxidermia;
- Reflexão sobre valores éticos (direito à vida)

Referências

ARCE, A.; MARTINS, L. M. *Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar*. Campinas: Alínea, 2007.

ÁRIES, P. *História social da criança e da família*. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 3, p. 161-204, 1998.

CARVALHO, D. M.; CARVALHO, T. C. A. *Educação infantil: história, contemporaneidade e formação de professores*. 2010.

LOPES, M. M.; MURRIELO, S. E. Ciências e educação em museus no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), v. 12, n. Supl, p. 13-30, 2005.

MARANDINO, M. Interfaces na relação museu-escola. *Cad. Cat. Ens. Fís.*, v. 18, n.1, p.85-100, abr. 2001.

VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. da S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. *Ciência em tela*, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2009.

VOLPATO, G. *Jogo e brinquedo: reflexão a partir da teoria crítica*. Montes Claros: Unimontes, v.3, n.3, p, 2002. (Unimontes Científica)